

## DESMEMBRAMENTO E CURA EM *THE BLUEST EYE*

### DISMEMBERMENT AND HEALING IN *THE BLUEST EYE*

Bianca Pereira da Silva<sup>1</sup>

Recebido em: 05/2020

Aprovado em: 06/2020

**Resumo:** Este artigo aborda o desmembramento do sujeito negro a partir do romance *The Bluest Eye*, de Toni Morrison. A hipótese é que os eventos do racismo cotidiano geram traumas e um desses traumas é o desmembramento da identidade do sujeito negro. Para tanto, percorreremos o romance de Morrison a fim de identificar em alguns episódios de racismo o desmembramento dessa identidade e apontar uma possível cura através do ato de narrar. Entre as autoras trabalhadas, além da própria Toni Morrison, estão: Sueli Carneiro e o conceito de *epistemicídio* como mecanismo de inferiorização do conhecimento do sujeito negro; Grada Kilomba, que enfatiza o racismo como evento traumático e a necessidade de tornamo-nos sujeitos; bell hooks, que expõe as dificuldades das mulheres negras na escolha da vida intelectual; Conceição Evaristo e o seu conceito de *escrevivência* como resgate do protagonismo negro e Carolina Maria de Jesus, como exemplo de intelectual. Por meio dessas autoras tentaremos demonstrar que o racismo é produtor de sofrimento, mas que a cura pode ser realizada tanto através do ato de narrar, quanto do não permitir que a história seja esquecida.

**Palavras-chave:** *The Bluest Eye*; Desmembramento; Identidade; Trauma; cura.

**Abstract:** This paper discusses the dismemberment of the black subject from the novel *The Bluest Eye*, by Toni Morrison. The hypothesis is that the events of everyday racism generate traumas. One of these traumas is the dismemberment of the identity of the black subject. For that, we will explore the Morrison's novel in order to identify in some episodes of racism the dismemberment of this identity and point out a possible cure through the act of narrating. Among the authors used, in addition to Toni Morrison, are: Sueli Carneiro and the *epistemicide* as a mechanism to lower the knowledge of the black subject; Grada Kilomba, who emphasizes racism as a traumatic event and the need to become subjects; bell hooks talks about the difficulty of black women in choosing intellectual life; Conceição Evaristo and the concept of *escrevivência* as a rescue of black protagonism and Carolina Maria de Jesus, as example of intellectual. These authors demonstrate that racism produces suffering, but that healing can be accomplished through the act of narrating and not allowing history to be forgotten.

**Keywords:** *The Bluest Eye*, Dismemberment, Identity, Trauma, Healing.

## Introdução

---

<sup>1</sup> Graduada e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal Fluminense. Doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: [bianca\\_pdasilva@ymail.com](mailto:bianca_pdasilva@ymail.com)

Este artigo, apresentará a ideia de desmembramento da identidade como decorrência dos efeitos traumáticos do racismo na identidade do sujeito negro num contexto pós-colonial e uma possibilidade de cura por meio da narração dos episódios traumáticos. A obra base será *The Bluest eye (O olho mais azul)* e sua visão sobre a fragmentação identitária e a transmissão dessa fragmentação de geração para geração. *The Bluest Eye* é o primeiro romance da autora afro-americana Toni Morrison (1931-2019). Foi publicado em 1970 e é o primeiro romance da autora que trata da “autodepreciação racial” (MORRISON, 2019b, p. 21).

A escolha da análise do romance decorre do poder da literatura de expor situações que, muitas vezes, são pouco encaradas no dia a dia (CALDIN, 2001). A ficção consegue abarcar vários aspectos do ser humano evitando a redução a uma única área do conhecimento. No caso dessa narrativa, ela expõe situações traumáticas e complexas não ignorando suas várias formas de abordagens e possíveis soluções (HAYES, 2015, p. 30). A primeira parte, intitulada “Desmembramento do sujeito negro em *The Bluest Eye*”, tratará do “desmembramento” sofrido pelo sujeito negro por meio da visão literária. Esse desmembramento se dá, segundo Morrison, devido as violências do racismo sofridas por pessoas negras e seus traumas derivados da internalização dessas violências.

De um modo geral, a literatura promove não somente olhar para tais questões dolorosas, mas, também, promove reflexão, ajustamento, terapia e ação (CALDIN, 2001). Desse modo, o próprio romance *The Bluest Eye* é uma forma de cura. Não somente por ser literatura, mas na medida em que faz com que o leitor [leitora] se sinta cúmplice das violências e reflita sobre seu papel na comunidade (MORRISON, 2019, p. 150; MCDONNELL, 2016, p. 20-21). A história não foi narrada para gerar “pena”, mas, sim, para gerar conscientização, movimentação e cura. A cura é o tema da segunda parte e versará sobre o poder dessas narrativas como uma forma de recuperação da identidade fragmentada e como um ritual de “sepultamento” para os ancestrais.

### **Desmembramento do sujeito negro em *The Bluest Eye***

O romance narra a história de duas famílias afro-americanas que sofrem devido ao racismo, suas reproduções e traumas decorrentes dessa violência. Aqui, enfatizaremos o caso da família Breedlove e, mais especificamente, o da personagem Pecola Breedlove, uma menina de 11 anos, negra e pobre. Essa menina representa o mais alto nível de crueldade que pode sofrer um indivíduo assolado pela opressão racial culminando em um desmembramento não só da sua identidade, mas, também, de sua sanidade mental.

Nesse sentido, além das desigualdades sociais e econômicas, o racismo cotidiano afeta o psicológico gerando danos que podem se expressar em diversos transtornos. Um deles é a fragmentação da identidade. Isto é, o sujeito negro tem sua identidade cindida e essa cisão pode levá-lo a desejar ser o Outro (o branco). Com isso, a personagem Pecola, ainda criança, deseja ter a imagem aceita pela sociedade, ou seja, a do sujeito branco (BHARDWAJ, 2007, p. 102). Esse desejo foi construído desde sua infância através da reprodução de seus pais que dirigem à menina seus próprios traumas.

O trauma é um “acontecimento da vida do sujeito que se define pela intensidade, pela incapacidade do sujeito de reagir a ele de forma adequada, pelo transtorno e pelos efeitos patogênicos duradouros que provoca na organização psíquica” (LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 522). Para Grada Kilomba (2019, p. 214), o racismo pode ser considerado traumático visto que “[a] escravidão, o colonialismo e o racismo cotidiano necessariamente contêm o trauma de um evento de vida intenso e violento, evento para o qual a cultura não fornece equivalentes simbólicos e aos quais o *sujeito* é incapaz de responder adequadamente”. Podemos dizer, por conseguinte, que o romance lida com o trauma porque as situações que as personagens vivenciam são violentas e provocam efeitos nocivos na psique.

Esses traumas, além disso, são geracionais e transgeracionais (MCDONNELL, 2016, p. 05-06; AKHTAR, 2014, p. 140-141). São “conteúdos traumáticos de uma geração precedente [que] são repassados para a vindoura” (ALMEIDA, 2008, p. 217), reverberando diretamente no sujeito que não as sofreu e que perpetua a lógica traumática. No romance, percebemos os pais de Pecola sofrendo por causa do legado dos traumas do racismo. Esses traumas não tratados foram internalizados e intensificados através do racismo cotidiano fazendo com que fossem reproduzidos nos filhos que o reproduz. Observamos, assim, que:

o desmembramento dos povos africanos simboliza um trauma colonial, pois trata-se de uma ocorrência que afetou tragicamente não apenas aquelas e aqueles que ficaram para trás e sobreviveram à captura, mas sobretudo aquelas e aqueles que foram levadas/os para o exterior e escravizadas/os. Metaforicamente, o continente e seus povos foram desarticulados, divididos e fragmentados. (KILOMBA, 2019, p. 207).

O desmembramento é a fragmentação da identidade, da história, da conexão entre os negros e as negras. É uma ocorrência diária conforme o racismo é transmitido de geração para geração e reencenado causando uma cisão do sujeito. Esse corte relaciona-se com “fragmentação”, “rompimento”, “tortura”, “amputação” e, até mesmo, “membro fantasma”

(AKHTAR, 2014, p. 01), isto é, como uma parte de si que foi retirada, mas sente-se falta.

O pai, Cholly, é alcoólatra, ausente e agressivo. Sua história revela que ele foi abandonado pelos pais, invadido por homens brancos em seu primeiro contato sexual e sofria com as mazelas raciais incluindo privação financeira. Segundo Hayes (2015, p. 06-07), essa falta de amor dos pais, a falta de uma educação mais sólida e a frustração das violências raciais (que também o privaram de alcançar seu lugar no mundo) o levaram a negligenciar e cometer atos igualmente cruéis com sua família. Em suma, ele era um homem abandonado pela sociedade reproduzindo o abandono (HAYES, 2015, p. 10) porque “[c]omo não tinha ideia de como criar filhos e como não fora criado por pai nem mãe, não conseguia sequer compreender o que esse relacionamento devia ser” (MORRISON, 2019, p. 115).

A esposa de Cholly e mãe de Pecola, Pauline, era uma moça solitária. Desde pequena sentia-se sozinha mesmo tendo uma família. Quando conheceu o futuro marido, imaginou que este seria a “salvação” para a sua solidão (HAYES, 2015, p. 17). A união de ambos foi destrutiva uma vez que eles vinham de um histórico familiar desestruturado, traumatizado e com pouca ou nenhuma percepção dos problemas que os cercavam para alcançarem uma vida harmoniosa. Para vencer a solidão do casamento, Pauline tentou fazer amizades na comunidade, mas não conseguiu:

o Cholly trabalhava na fábrica de aço e tudo parecia bom. Não sei o que aconteceu. Mudou tudo. Era difícil conhecer gente ali e eu sentia saudade do meu pessoal. Eu não tava acostumada com tanto branco. Os que eu tinha visto antes eram horrível, mas eles não chegava muito perto. Quero dizer, a gente não lidava muito com eles. Só de vez em quando, no campo ou no armazém. Mas no norte eles estava em todo lugar, na casa do lado, lá embaixo, pelas rua, e tinha uns mulato no meio deles. Os mulato do norte também era diferente. Metido a besta. Não eram melhor do que os branco em maldade. Faziam a gente sentir que não valia nada, igualzinho, só que eu não esperava isso deles. Foi a época de mais solidão da minha vida. Lembro que eu ficava olhando pra eles pelas janela da frente, esperando o Cholly voltar pra casa, às três horas. Nem um gato eu tinha pra conversar. (MORRISON, 2019, p. 85).

Essa falta de solidariedade entre os negros e as negras é resultado da “referência negativa” (SANTOS, 2009, p. 22) que estes recebem no mundo branco. Isto é, a comunidade internaliza e reproduz o racismo, pois seria um modo de ascender socialmente e de se afastar daquilo que a faz inferior.

Solitária em casa e rejeitada pela comunidade, Pauline encontrou refúgio no cinema, o qual só fez aumentar seu desconforto e fragmentação em relação a um mundo brancocêntrico. Excluída também por conta de sua aparência (Morrison, 2019, p. 85), ela aprenderia a se rejeitar

por meio da assimilação do padrão de beleza eurocêntrico. Ratificando que, “[d]epois da educação que recebeu do cinema, nunca mais foi capaz de olhar para um rosto sem classificá-lo de alguma forma na escala da beleza absoluta, uma escala que ela absorvera na íntegra da tela prateada.” (MORRISON, 2019, p. 88) porque “[é] a autoridade da estética branca quem define o belo e sua contraparte, o feio” (SOUZA, 1983, p. 29).

De acordo com Kilomba (2019, p. 39), o mundo branco aliena o sujeito negro de tal forma que este passa a se identificar com os heróis brancos e a rejeitar as personagens negras, considerando-as “inimigas”. Para a autora, essa situação cotidiana gera uma desconexão do sujeito negro consigo mesmo culminando em traumas uma vez que o sujeito negro pode acabar introjetando, assimilando e reproduzindo “como sendo seu, o discurso do branco. O discurso e os interesses” (SOUZA, 1983, p. 32). A partir dessa educação do cinema, Pauline “aprendeu tudo o que havia para amar e tudo o que havia para odiar” (MORRISON, 2019, p. 88). Começou a desejar ser como as atrizes, isto é, brancas. Tentava imitar as suas formas de se vestir, a maneira como arrumavam o cabelo e, podemos incluir, como tratavam as pessoas negras. Como não alcançou estes objetivos, começou a descuidar de si, da casa, dos filhos e as brigas com o marido eram cada vez mais violentas.

A relação dos dois e suas formas de conduzir o lar eram precárias e traumatizantes. Não encontrando uma via para superarem a solidão e os traumas, ambos continuaram a reproduzir o racismo internalizado entre eles, com os filhos (HAYES, 2015, p. 17) e isso se refletia no exterior uma vez que:

os Breedlove não moravam na parte da frente de uma loja por estarem passando por dificuldades temporárias, adaptando-se aos cortes na fábrica. Moravam ali por serem pobres e negros, e ali permaneciam porque se achavam feios. Embora sua pobreza fosse tradicional e embrutecedora, não era exclusiva. Mas sua feiura era exclusiva. Ninguém teria conseguido convencê-los de que não eram implacável e agressivamente feios. [...]. A gente olhava para eles e ficava se perguntando por que eram tão feios; olhava com atenção e não conseguia encontrar a fonte. Depois percebia que ela vinha da convicção, da convicção deles. Era como se algum misterioso patrão onisciente tivesse dado a cada um deles uma capa de feiura para usar e eles a tivessem aceitado sem fazer perguntas. (MORRISON, 2019, p. 30)

Essa “feiura” foi internalizada, como vimos, a partir da educação recebida da mídia com a propagação da beleza da pele branca (BHARDWAJ, 2007, p. 102; MORRISON, 2019, p. 88) e reverberou na forma como se viam e como viam seus filhos. O relato de Pauline ao dar à luz à Pecola é: “Eu gostava de olhar pra ela. Ela faz uns barulhinho guloso. O olho meigo e úmido.

*Cruzamento de cachorrinho* e homem morrendo. Mas eu sabia que ela era feia. A cabeça coberta de um cabelo bonito, mas, meu Deus, como ela era feia” (MORRISON, 2019, p. 90. Grifo meu). Além da ênfase na “feitura”, a mãe a relaciona com um animal, “cachorrinho”. Segundo Kilomba (2019, p. 19), relacionar pessoas pretas com animais é uma lógica colonial de animalização do sujeito negro, ou seja, a mãe está reproduzindo uma atitude racista.

Não bastasse as violências sofridas em casa, Pecola era rejeitada e oprimida na escola e nos espaços que frequentava (MORRISON, 2019, p. 35, 37, 49, 66, 68). “Parece, portanto, que o trauma de pessoas *negras* provém não apenas de eventos de base familiar, como a psicanálise argumenta, mas sim do traumatizante contato com a violenta barbaridade do mundo *branco* [...]” (KILOMBA, 2019, p. 40. Grifo da autora). Ela não entendia o porquê de tanta rejeição e humilhação e passou a acreditar que era a culpada pelas violências sofridas. Imaginava que sua “feitura” era a razão e passou a acreditar que ela deveria mudar (MCDONNELL, 2016, p. 05).

Tinha ocorrido a Pecola, havia algum tempo, que, se os seus olhos, aqueles olhos que retinham as imagens e conheciam as cenas, fossem diferentes, ou seja, bonitos, ela seria diferente. Tinha bons dentes, e o nariz, pelo menos, não era grande e chato como o de algumas garotas que eram consideradas tão bonitinhas. Se tivesse outra aparência, se fosse bonita, talvez Cholly fosse diferente, e a sra. Breedlove também. Talvez eles dissessem: ‘Ora, vejam que olhos bonitos os da Pecola. Não devemos fazer coisas ruins na frente desses olhos bonitos’ (MORRISON, 2019, p. 35).

Abandonada, rejeita, abusada por todos e todas de várias formas possíveis, Pecola passa do desmembramento da identidade para o psíquico. Esta manifestação sugere uma forma de enfrentar os traumas uma vez que os episódios traumáticos eram recorrentes e intensos para uma criança suportar (HAYES, 2015, p. 31; LAPLANCHE; PONTALIS, 1994, p. 522). Segundo Hayes (2015, p. 28-29), não só os abusos deveriam ser tratados, mas também os traumas e estresses cotidianos.

O stress, segundo Adisa (2000, p. 113), atinge as mulheres negras, as leva a perturbações demasiadas aniquilando-as em sua psique. A origem do estresse, segundo a autora (2000, p. 114):

vem de sonhos adiados, de sonhos reprimidos; vem de promessas não cumpridas, de falsas promessas; vem de sempre estarmos por baixo, de nunca sermos consideradas bonitas, de não nos valorizarem, de tirarem vantagem de nós; vem de sermos mulheres negras na América branca.

Ante o exposto, o esfacelamento de sua sanidade mental resultou não somente do

choque do abuso final (abuso infantil), mas foi, igualmente, a culminância dos diversos choques diários do racismo cotidiano. Mesmo com toda a catástrofe na vida de Pecola, as pessoas pareciam ignorar o sofrimento e os abusos para concentrarem-se nos comentários acerca de sua aparência. Nesse sentido, a comunidade é vista como cúmplice desse desmembramento (HAYES, 2015, p. 32; MCDONNELL, 2016, p. 04-05) uma vez que, para ela, a família e, principalmente Pecola, era a culpada porque não encarnava o padrão de beleza ocidental.

Diante das violências e da falta de solidariedade, a menina alimentou a “convicção de que só um milagre [ter olhos azuis] poderia socorrê-lá” e o desfecho é que “ela jamais conheceria a própria beleza. Veria apenas o que havia para ver: os olhos das outras pessoas” (MORRISON, 2019, p. 36).

### **Cura através da escrita**

Podemos considerar que o desmembramento gerado pelo trauma do racismo é de difícil recuperação. O sujeito negro convive com ele desde que nasceu e, como vimos, também recebe influência na sua organização psíquica e social dos desmembramentos sofridos pelos antepassados. Será que é possível pensarmos em cura? É possível falarmos de uma recuperação e superação desses eventos traumáticos?

Algumas autoras e autores encontraram formas de enfrentar e curar os traumas suscitados pelo racismo, e o desmembramento causado por ele, através da narração, da escrita das histórias traumáticas. Porém, como pontua Carneiro (2005, p. 96), a sociedade vive sob a lógica do “epistemicídio”, a que apaga e/ou inferioriza as construções epistemológicas, literárias, espirituais e culturais africanas e afrodiáspóricas. Inclusive, a autora enfatiza que é “um dos instrumentos mais eficazes e duradouros” (CARNEIRO, 2005, p. 96) existentes numa sociedade racista.

Em face desse mecanismo, Spivak (2010, p. 85) coloca a questão “Pode a subalterna falar?<sup>2</sup>”, e indaga os intelectuais acerca da necessidade de fala dos sujeitos excluídos e marginalizados. Devido a um conjunto de opressões existentes na sociedade, esses sujeitos não teriam como expressar suas insatisfações, denunciar opressões, e, portanto, estaria sob a

---

<sup>2</sup> Aqui, sigo a tradução de Grada Kilomba (2019, p. 20-21) que observa que, no Português do Brasil não tivemos uma revisão minuciosa acerca dos termos racistas que impregnam nosso vocabulário. Incluindo a questão de gênero. Assim, a tradução do livro de Spivak como “Pode o Subalterno falar?”, no gênero masculino encarna a opressão de gênero e é dúbia no sentido de que a autora é uma mulher e relata experiências de mulheres. Logo, a melhor tradução seria: “Pode a subalterna falar?”.

responsabilidade dos intelectuais falar por esses sujeitos, pois “[s]e, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 66-67). Cabe nos questionar: esses sujeitos não podem falar por si? Esses sujeitos não podem narrar suas próprias histórias? O epistemicídio impede a intelectualidade do sujeito negro? Que intelectuais podem falar?

Bell hooks (1995, p. 466), em consonância com Carneiro, afirma que seguir o caminho intelectual não é uma tarefa fácil para o sujeito negro, que é inferiorizado, animalizado e sexualizado. Sua capacidade cognitiva é depreciada e anulada. No caso das mulheres negras, a intersecção das opressões de raça e gênero intensificam a marginalidade intelectual, pois:

é o conceito ocidental sexista/racista de quem e o quê é um intelectual que elimina a possibilidade de nos lembrarmos de negras como representativas de uma vocação intelectual. Na verdade, dentro do patriarcado capitalista com supremacia branca toda a cultura atua para negar às mulheres a oportunidade de seguir uma vida da mente torna o domínio intelectual um lugar interdito. (hooks, 1995, p. 468).

Hooks (1995, p. 470) destaca, ainda, o papel da comunidade no reconhecimento da intelectualidade feminina negra. Ou seja, seu próprio meio reproduz a ideia de que há lugares estipulados e o lugar da mulher negra é somente servir. Conseqüentemente, as próprias mulheres negras “internalizam a ideia de que devem servir, estar sempre prontas para atender quer queiram quer não a necessidade de outra pessoa” (hooks, 1995, p. 470).

Além dessas dificuldades, as mulheres negras encontram resistência em relação ao trabalho intelectual, que demanda tempo e este é, geralmente, canalizado para as atividades domésticas. O trabalho intelectual é colocado em segundo plano (hooks, 1995, p. 471). Porém, quando as mulheres conseguem ultrapassar essas barreiras e escrevem, encontram, ainda, as resistências das dúvidas sobre suas produções intelectuais, sobre suas capacidades de produzir de acordo com a lógica acadêmica, sobre suas capacidades de produzir documentos de qualidade como imaginam que os brancos e as brancas produzam (hooks, 1995, p. 472). Desse modo, “[e]sses conflitos parecem particularmente agudos para as negras que também têm que lutar contra estereótipos racistas/sexistas que o tempo todo levam outros (e até nós mesmas) a questionar se somos ou não competentes, se somos capazes de excelência intelectual” (hooks, 1995, p. 472)

Somando-se as essas dificuldades, há a educação recebida pelas mulheres negras. Estas



são educadas para dar pouca ou nenhuma atenção à questão intelectual. Segundo hooks (1995, p. 474), geralmente, o cuidado do lar é legado às mulheres negras pela educação tradicional, mas, também, pela necessidade das mães destas terem que se ausentar do lar para trabalhar. Assim, a mulher negra “herda” a função da mãe e “[u]m tempo para SI mesma para pensar não é tradicionalmente valorizado para as meninas negras” (hooks, 1995, p. 474).

A falta de disponibilidade de tempo para escrever é um dos desafios enfrentados pelas mulheres de cor, segundo Anzaldúa (2000, p. 229-231). Grande parte destas se veem atarefadas demasiadamente para se dedicar a este ofício, principalmente, porque precisam garantir o sustento. Quando estas mulheres conseguem escrever, encontram outras barreiras, como: a invisibilidade, uma vez que não são ouvidas; da escrita, uma vez que suas formas de escrever diferem da linguagem acadêmica; e da baixa autoestima, visto que são inferiorizadas. Com isso, esse ato é encarado como árduo, artificial e temeroso. Todavia, a autora enfatiza que as mulheres negras têm que falar, porque suas vozes reagem às violências e

porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Um exemplo dessa necessidade do ato de escrever é o da escritora afro-brasileira Carolina Maria de Jesus que, mesmo diante da fome, escrevia constantemente. Ela cresceu em um ambiente desfavorável socialmente e quando aprendeu a ler, percebeu que essa atividade seria importante para o seu desenvolvimento (JESUS, 1986, p. 126). Apesar da sua dedicação à leitura e, posteriormente, à escrita, ela foi incompreendida devido aos estereótipos sobre a mulher negra, como vimos acima.

Há relatos em seus diários em que ela fora dispensada do trabalho por ter esquecido os afazeres para ler ou relegava os afazeres em sua própria casa para se dedicar à leitura e à escrita. “Conta que a mãe, às vezes, saía de casa cedo e dava ordens para ela cuidar da casa e ‘botar o feijão no fogo’. A panela ia para o fogo e Carolina para a leitura. Quando dava conta de si, o feijão tinha queimado” (FARIAS, 2017, p. 56). Outro relato foi quando os moradores da sua cidade propagaram a falsa informação de que ela lia um livro sobre feitiçaria, e ela acabou sendo presa (JESUS, 1986, p. 180). Esse evento se deu porque “não era uma cena usual essa, por duas razões, e muito simples para a época: uma mulher negra, à toa, e ‘sentada ao sol’, ou

seja, durante o dia, e a outra a de uma negra pega sem fazer nada, e o pior, lendo um livro” (FARIAS, 2017, p. 96).

Em um dado momento da vida, decidiu que seria escritora e se sentia exercendo a função errada como doméstica. Suportava as opressões que sofria porque lia e escrevia. Quando podia, frequentava teatros e cinemas; porém, quando estava na favela do Canindé, Carolina “[p]referia ficar lendo, trancada no seu barraco” (FARIAS, 2017, p. 169):

Passei o resto da tarde escrevendo. As quatro e meia o senhor Heitor ligou a luz. Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (JESUS, 1963, p. 22).

Assim, ela “era a negra que vivia ‘lendo’ e ‘escrevendo’ e era vista de forma diferente por esta razão” (FARIAS, 2017, p. 189). Há um estranhamento dos outros moradores no tocante aos hábitos dela e isto passa, principalmente, pela percepção de que uma pessoa como uma mulher negra e pobre não podia ter tais costumes, não podia ser intelectual. Apesar de ter sido ignorada por alguns escritores e, posteriormente, pela mídia (FARIAS, 2017, p. 221, 338), Carolina Maria de Jesus representou um marco na literatura e influenciou aqueles e aquelas que nunca pensaram em escrever devido a marginalização (SANTOS, 2009, p. 95).

Dessa forma, percebemos que, apesar das opressões de raça, gênero e classe; é fundamental que as mulheres negras possam visualizar o horizonte da intelectualidade. Não por “status ou reconhecimento, mas porque oferecem recursos para intensificar a sobrevivência e nosso prazer de viver” (HOOKS, 1995, p. 466). hooks afirma, ainda, que essa atividade promove uma autonomia que faz com que a pessoa negra se perceba como sujeito no mundo e não somente como objeto.

Kilomba (2019, p. 28) também assevera essa percepção da atividade intelectual, e mais especificamente, da escrita. O ato de escrever é mais do que apenas transmitir ideias e conceitos. O ato da escrita, para pessoas negras, subverte a lógica colonial em que a pessoa negra passa de objeto de estudo para sujeito, pois “enquanto escrevo, eu me torno a narradora e a escritora da minha própria realidade, a autora e a autoridade na minha própria história” (KILOMBA, 2019, p. 28). Assim:

escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor ‘validada/o’ e ‘legitimada/o’ e, ao

reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada. (KILOMBA, 2019, p. 28)

Escrever, portanto, é uma forma de “*tornar-mo-nos* sujeitos” (KILOMBA, 2019, p. 29. Grifo da autora) através da narração de nossas histórias. Tal como em *The Bluest Eye* em que os efeitos nocivos do racismo são contados a fim de gerar reflexão, ação; mas, igualmente, não deixar que a história seja esquecida e os “mortos” fiquem sem justiça (AKHTAR, 2014, p. 09-10). O ato de escrever encarna, deste modo, uma forma de cura através da rememoração dos heróis de outrora, uma forma de “sepultar” dignamente os ancestrais não deixando que suas narrativas desapareçam. Logo,

escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente. A ideia de um enterro impróprio é idêntica à ideia de um episódio traumático que não pôde ser descarregado adequadamente e, portanto, hoje ainda existe vívida e intrusivamente em nossas mentes. (KILOMBA, 2019, p. 223-224).

### **Considerações finais**

Observamos que as experiências dos sujeitos negros revelam uma dimensão traumática que os atinge desde a tenra idade afetando o mais íntimo da constituição de si. Além de serem traumas originados do racismo cotidiano, há a transmissão dos choques vividos pelos antepassados e que perduram na cadeia familiar das pessoas negras. Com isso, fica evidente que a questão emocional dos negros e das negras precisa receber uma atenção de outras áreas de conhecimento, como a psicologia e a filosofia.

Essa é uma das grandes contribuições trazidas por Morrison, ou seja, como o sujeito negro tem sido atendido em seus aspectos psíquicos e emocionais? Como ele lida com as violências diárias? Contudo, ainda que o romance *The Bluest Eye* seja de 1970, o cuidado recebido pelo tratamento do assunto na academia é pequeno. Eis o motivo da relevância de expor narrativas de cunho demasiado doloroso.

Autoras como Souza (1983) e Kilomba (2019), nos ajudam a compreender os danos causados pelo racismo na psique e insistem que esta ferida emocional está longe de ser encarada de frente, pois a sociedade mantém as opressões e, principalmente, a negação desse sofrimento. Ou seja, para se combater o racismo, uma das facetas a ser avaliada é o adoecimento psíquico que esta sociedade provoca nos sujeitos negros e negras.

Outra relevância destacada é a internalização a qual estamos submetidos. Isto é, quantos

e quantas de nós continuam reproduzindo o racismo mesmo sendo vítimas dele? A intenção desse questionamento não é nos tornarmos culpados e culpadas, mas, sim, sujeitos de transformação. Se a educação tem nos ensinando a reproduzir o racismo desde nosso lar, temos que pensar em uma educação antirracista.

Para ambas as situações, uma reformulação filosófica é necessária visto que ela é caracterizada como fundamento para outras áreas do conhecimento, tais como a educação. A filosofia precisa estar aberta para outras epistemes e sujeitos de conhecimento, como forma de promover a cura por meio das narrativas, pois, narrar é uma forma de reorganizar o mundo, de agir e reconstruir o que foi desmembrado.

## Referências

ADISA, Opal Palmer. “Balançando sob a luz do sol: stress e mulher negra”. In: WERNECK, Jurema; MENDONÇA, Maísa; WHITE, Evelyn C. *O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe*. Rio de Janeiro: Pallas / Criola, 2000, p. 111-115.

AKHTAR, Jaleel. *Dismemberment in the Fiction of Toni Morrison*. Cambridge Scholars Publishing, 2014.

ALMEIDA, Maria. Emília. Sousa. A força do legado transgeracional numa família. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 215-230, 2008.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo. *Revista Estudos Feministas*, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

CALDIN, Clarice Fortkamp. A leitura como função terapêutica: Biblioterapia. Encontros Bibli: *Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, n. 12, dez. 2001.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

FARIAS, Tom. *Carolina: Uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

HAYES, Martina Louise. *Legacy of Shame: A Psychoanalytic History of Trauma in The Bluest Eye*. ETD Archive, 2015. Disponível em: <<https://engagedscholarship.csuohio.edu/etdarchive/880>>. Acesso em: 27 de maio de 2020.

HOOKS, bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas*, n. 2/95, v. 3, 1995.

JESUS, Carolina Maria de. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

\_\_\_\_\_. *Quarto de despejo*. Edição Popular. São Paulo: Francisco Alves, 1963.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: M. Fontes, 1994.

MCDONNELL, Eric D. Jr. *As If We Were Alive: Trauma Recovery in Toni Morrison's Beloved and The Bluest Eye*. Honors Research Projects, 2016. Disponível em: [http://ideaexchange.uakron.edu/honors\\_research\\_projects/355](http://ideaexchange.uakron.edu/honors_research_projects/355). Acesso em: 27 de maio de 2020.

MORRISON, Toni. *The Bluest Eye*. New York: Vintage International, 2007.

\_\_\_\_\_. *O olho mais azul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

\_\_\_\_\_. Romantizando a escravidão. In: MORRISON, Toni. *A origem dos outros: seis ensaios sobre racismo e literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019b.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.